"NINGUÉM QUER FICAR AQUI, MAS TODO MUNDO QUER FICAR AQUI": experiências juvenis em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, Brasil

"No One Wants to Stay Here, but Everyone Wants to Stay Here": Youth Experiences in a Small Town in Rio Grande do Sul, Brazil

Gabrielle Bezerra da Silva[1]; Victor Hugo Nedel Oliveira[2]

CITATION

Silva, G. B. da; Oliveira, V. H. N. (2026). "Ninguém quer ficar aqui, mas todo mundo quer ficar aqui": experiências juvenis em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, Brasil. *Video Journal of Social and Human Research,* *5*(1), 1-20. http/doi.org/10.18817/vjshr.v5i1.76

SUBMITTED

28/12/2025

ACCEPTED

25/06/2026

PUBLISHED

27/11/2026

DOI

https://doi.org/10.18817/vjshr.v5i1.76

AUTHOR

[1]Mestre em Geografia e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabrielle.bezerra@ufrgs.br. ORCID: 0000-0001-5624-8476.

[2]Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Adjunto e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: victor.nedel@ufrgs.br. ORCID: 0000-0001-5624-8476

RESUMO

Inserido no campo das Geografias das Juventudes, este artigo busca analisar como se dão as interações de jovens, residentes em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, Brasil, com a sua cidade e os espaços que a compõem, destacando como essas relações incidem em suas experiências e perspectivas de vida. Parte-se da compreensão de que as experiências juvenis são plurais e se constituem nos/pelos espaços vividos e significados no cotidiano, dialogando com outros estudos formulados no âmbito da Cátedra UNESCO "A Cidade que Educa e Transforma". A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida com jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual, tendo como estratégias de produção de dados a realização de um Grupo Focal e de uma Roda de Conversa. Os resultados evidenciam leituras diversas sobre a cidade, nas quais o desejo de saída convive com vínculos afetivos e sentimentos de pertencimento. A comparação com cidades maiores estrutura expectativas de futuro relacionadas ao estudo, ao trabalho e ao lazer, enquanto aspectos locais como tranquilidade e segurança são valorizados. A expressão "ninguém quer ficar aqui, mas todo mundo quer ficar aqui" sintetiza essa condição, revelando a coexistência entre limites estruturais e apego ao lugar.

Palavras-chave: jovens; juventudes; Geografias das Juventudes; pequenas cidades; práticas espaciais.

ABSTRACT

Situated within the field of the Geographies of Youth, this article aims to analyze how young people living in a small town in Rio Grande do Sul, Brazil, interact with their city and the spaces that compose it, highlighting how these relationships shape their experiences and life perspectives. The study is grounded in the understanding that youth experiences are plural and are constituted through lived and meaningful everyday spaces, engaging in dialogue with other studies developed within the scope of the UNESCO Chair "The City that Educates and Transforms". Adopting a qualitative approach, the research was conducted with students enrolled in the final year of upper secondary

education at a state public school, using a Focus Group and a Conversation Circle as data production strategies. The results reveal diverse readings of the city, in which the desire to leave coexists with affective ties and feelings of belonging. Comparisons with larger cities structure future expectations related to education, work, and leisure, while local aspects such as tranquility and safety are positively valued. The expression “no one wants to stay here, but everyone wants to stay here” synthesizes this condition, revealing the coexistence of structural constraints and attachment to place.

Keywords: young people; youth; Geographies of Youth; small towns; spatial practices.

INTRODUÇÃO

A juventude, enquanto etapa da vida, é marcada por uma pluralidade de experiências, trajetórias e sentidos, produzidos nas relações que as/os jovens estabelecem com os contextos sociais e espaciais em que vivem. Longe de ser tomada como um grupo homogêneo ou restrito a critérios exclusivamente etários, a juventude pode manifestar-se como uma categoria social, historicamente construída (Pais, 1990) e atravessada por marcadores como classe, gênero, etnia, território e escolarização (Abramo, 2005). Falar em juventude/s, no plural, implica reconhecer que as condições de vida, as oportunidades, os limites e os projetos de futuro variam de forma significativa. Assim, compreender as experiências juvenis significa, também, compreender os lugares onde essas experiências se produzem, se tensionam e se transformam.

No âmbito da Geografia, essas discussões têm sido aprofundadas a partir de um campo em emergência denominado Geografias das Juventudes (Cardoso & Turra Neto, 2011; Oliveira, 2023a; Oliveira, 2023b), que vem se dedicando a analisar as relações estabelecidas entre as/os jovens e os espaços que compõem o seu cotidiano. Tal perspectiva parte do pressuposto de que o espaço geográfico não constitui um mero cenário neutro das experiências juvenis, mas um elemento ativo na constituição da própria condição juvenil, ao mesmo tempo em que é continuamente produzido, apropriado e ressignificado pelas práticas espaciais desses sujeitos (Cassab, 2023). Conforme explicita Oliveira (2023b):

> ainda que jovem, como seus sujeitos de pesquisa, pode-se afirmar que presenciamos a constituição de um novo subcampo de investigação na Geografia brasileira: as Geografias das Juventudes. Diversos estudos em nível de pós-graduação no âmbito da Geografia vêm debruçando seus esforços em entender as relações de jovens com diferentes elementos da análise geográfica, como, por exemplo, a cidade, o campo, as disputas de poder sobre o espaço, a escola, o ensino de Geografia, entre outros (p.59).

Ao tratar das juventudes em contextos urbanos, no entanto, observa-se que grande parte das análises tende a operar a partir de uma lógica fortemente ancorada nas grandes cidades (Autores, 2024). O urbano, nesse sentido, costuma ser associado a imagens de grandes fluxos, intensas dinâmicas econômicas, diversidade de equipamentos e múltiplas possibilidades de circulação, lazer e consumo. Essa centralidade dos grandes centros na produção acadêmica evidenciada em estudos como os de Silva e Sposito (2009) e Lacerda (2016), acaba por relegar a segundo plano outras realidades urbanas, como as pequenas cidades, que compõem numericamente a maior parte do território brasileiro. Tal invisibilização não apenas empobrece a compreensão do fenômeno urbano em sua totalidade, como também silencia as experiências de sujeitos, aqui, em destaque sujeitos jovens que vivem, aprendem e constroem seus projetos de vida nesses contextos.

As cidades pequenas apresentam dinâmicas socioespaciais próprias, que conformam modos particulares de viver, circular, estabelecer vínculos e projetar o futuro, incidindo diretamente sobre as experiências juvenis. É nesse contexto que se insere o presente estudo, desenvolvido junto a jovens residentes em General Câmara, uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, Brasil. O objetivo do trabalho é analisar como se dão as interações das/os jovens com a sua cidade e os seus espaços, destacando de que maneira essas relações incidem em suas experiências e perspectivas de vida. Ao dar visibilidade às vozes e vivências desses jovens, o artigo busca contribuir para o aprofundamento do debate sobre as geografias juvenis em pequenas cidades, reafirmando a importância de ampliar os olhares sobre sujeitos e espacialidades historicamente menos presentes nas pesquisas acadêmicas.

CIDADE, PEQUENAS CIDADES E JUVENTUDES: notas conceituais para uma leitura espacial

A cidade, enquanto espacialidade, é simultaneamente o resultado e a condição do processo de urbanização; a forma como as pessoas espacializam as relações; as materialidades da história construída, destruída, reconstruída e em permanente construção (Vieira, 2021). Como destaca o autor, diferentes critérios podem ser empregados para definir o que se entende por cidade, sendo possível que se estabeleçam tantas definições quanto forem os interesses.

No Brasil, particularmente, prevalece o critério político-administrativo, segundo o qual o município constitui a menor unidade

da organização territorial e possui, necessariamente, uma cidade (Fernandes, 2018). Ainda nesse enquadramento, a cidade corresponde à porção urbana do município, enquanto as áreas localizadas fora do perímetro urbano são classificadas como rurais[1].

Ao analisarmos essa realidade, é fundamental considerar a diversidade territorial de um país com dimensões continentais. O Brasil possui 5.570 municípios, nos quais se distribuem, de forma desigual, cerca de 203 milhões de habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023). Embora aproximadamente 20% da população esteja concentrada em apenas 15 municípios (os únicos com mais de um milhão de habitantes), esses representam somente 0,27% do total de municípios do país. A maior parte do território nacional é composta por municípios de pequeno porte populacional, sendo que 88,1% possuem até 50 mil habitantes. Fato é, com isso, que o Brasil não é formado apenas por metrópoles ou grandes cidades; todos os municípios estão, em maior ou menor grau, articulados a uma rede urbana e, em conjunto, constituem sistemicamente a totalidade do território brasileiro.

Apesar de cada pequena cidade apresentar características únicas, o que dificulta a generalização de um conceito que as abarque integralmente, adota-se neste trabalho a perspectiva proposta por Fernandes (2018), que sugere a utilização articulada de duas abordagens como caminho para sua conceituação. A primeira, de natureza quantitativa, associa-se a critérios como patamares mínimos e máximos, sobretudo populacionais. A segunda abordagem, de caráter qualitativo, enfatiza o processo de formação socioespacial das cidades e sua inserção na rede urbana, buscando reconhecer as particularidades locais que não são captadas exclusivamente pelos dados numéricos. Para Fernandes (2018), pensar a pequena cidade no contexto de sua articulação à rede urbana torna-se particularmente relevante,

> uma vez que essas localidades, estão inseridas, articuladas e conectadas às dinâmicas urbanas, inclusive em esfera global, pois fazem parte do modo de produção capitalista e fazem parte, e são influenciadas por do fenômeno da globalização, sofrendo as consequências e a perversidade desses processos (p.14).

Todavia, como apontam Marengo e Ferreira (2014), compreender a pequena

[1] Embora se reconheçam as limitações derivadas do critério adotado, estas não serão abordadas neste estudo. Para aprofundamento, ver Silva e Sposito (2009).

cidade exige decifrar suas racionalidades internas, ancoradas nas experiências vividas. Nessa perspectiva, a cidade é entendida como espaço vivido, espaço de produção da vida e das práticas espaciais cotidianas, onde as relações e as contradições humanas se desenvolvem. Ao retomar a constatação de que as pequenas cidades ainda permanecem pouco conhecidas no campo das pesquisas acadêmicas, expõe-se que não apenas uma parcela significativa do espaço urbano brasileiro tende a ser negligenciada, mas também as histórias e trajetórias dos seus sujeitos, representados aqui precisamente pelas juventudes. Em diálogo com Fernandes (2023), reforça-se, assim, a necessidade de reconhecer a existência dessa parcela expressiva da população, frequentemente invisibilizada pelas políticas públicas, pelos meios de comunicação e pela sociedade brasileira.

Essa lacuna se confirma em um levantamento do tipo Estado da Arte realizado pelos próprios autores deste estudo, que mapeou a produção de pós-graduação stricto sensu sobre juventudes em pequenas cidades brasileiras entre 2014 e 2023 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (Autores, 2024; Autores, 2025). Foram identificadas apenas 14 dissertações e teses em todo o país no período, o que já evidencia a escassez do campo. Desse conjunto, 8 trabalhos voltaram-se às juventudes rurais, explorando temas como projetos de vida, migração e poder de consumo; 2 concentraram-se na relação entre juventudes e lazer; e os demais 4 distribuíram-se por assuntos mais diversos, como gênero e sexualidades, socialização digital e escolarização.

Essa distribuição evidencia que, mesmo diante de um número reduzido de estudos, há uma notável diversidade de assuntos possíveis, o que sugere um vasto leque de possibilidades analíticas ainda pouco consolidadas nesse campo emergente. Soma-se a isso uma lacuna de ordem regional. O mesmo levantamento identificou que, dos 16 contextos de investigação mapeados nos 14 trabalhos selecionados, 7 localizavam-se na Região Sudeste, concentrados, sobretudo, em Minas Gerais, enquanto Centro-Oeste e Sul somavam 3 contextos cada, o Norte 2 e o Nordeste apenas 1. Tais achados reforçam a necessidade de ampliar o número de estudos sobre juventudes em pequenas cidades brasileiras, considerando diferentes as regiões do país e suas especificidades.

As lacunas identificadas na produção brasileira também evidenciam a importância de situar o debate sobre as Geografias das Juventudes em diálogo com a literatura internacional, especialmente com o campo das Youth Geographies, que possui uma trajetória mais longa e consolidada na produção anglo-americana. Ao refletirem

sobre aproximações e diferenças entre esses contextos, Turra Neto e Hopkins (2025) destacam que, nesse campo, ganha relevância a compreensão das relações entre juventudes e lugar (place), buscando analisar como diferentes contextos espaciais participam da constituição das experiências juvenis, das trajetórias, dos projetos de vida e das transições para a vida adulta. Os autores também ressaltam a influência das geografias feministas e de perspectivas voltadas à compreensão de como desigualdades sociais, econômicas e territoriais atravessam essas experiências.

Ao estabelecerem um diálogo entre a produção brasileira e a anglo-americana, Turra Neto e Hopkins (2025) observam que, enquanto no Brasil predominam os conceitos de território e territorialização para interpretar as práticas espaciais juvenis e os processos de pertencimento, a literatura anglo-americana tem atribuído maior atenção às relações entre juventudes e lugar, enfatizando as experiências vividas e os significados produzidos nos diferentes contextos geográficos. Essa aproximação entre distintas tradições teóricas amplia as possibilidades analíticas das Geografias das Juventudes ao evidenciar que as experiências juvenis são produzidas nas relações estabelecidas com os espaços cotidianos e com os contextos geográficos nos quais os jovens vivem. Nessa perspectiva, compreender a cidade como dimensão constitutiva das experiências juvenis torna-se um aspecto central para a análise das relações entre juventudes e espaço.

No que diz respeito à relação entre sujeitos e cidade, Pires (2015) destaca que "a juventude é um dos grupos sociais para os quais o vínculo com o espaço urbano é mais intenso" (p.170), uma vez que suas práticas espaciais se traduzem em estratégias concretas de uso e territorialização dos lugares. Tais práticas estão sempre situadas em um determinado tempo-espaço, distinto daquele vivenciado por jovens de outras gerações ou em diferentes contextos territoriais (Paula, 2016).

Nesse sentido, ao considerar as especificidades da condição juvenil em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul na atualidade, reconhece-se que a atenção a outras escalas urbanas, posicionadas de modo distinto na hierarquia da rede urbana, possibilitaria o acesso a dinâmicas distintas daquelas encontradas nesta pesquisa. Em diálogo com essas reflexões, Cassab (2015) aponta que:

> são nas cidades reais que os jovens vão determinando suas estratégias, seus projetos, seus sonhos e se constituindo como sujeitos, também, espacialmente definidos. Por suas trajetórias

> habitacionais, seus percursos ocupacionais, seus deslocamentos cotidianos nos circuitos que articulam trabalho, moradia, lazer e serviços, que eles também vão delineando sua condição juvenil e sua forma de visibilidade e/ou invisibilidade na cena pública (p.154).

Além disso, as diferentes situações juvenis, atravessadas por marcadores como gênero, etnia, orientação sexual, escolaridade e religiosidade (etc.), incidem diretamente sobre as formas pelas quais as/os jovens atuam sobre os espaços urbanos. Indissociavelmente, nesse movimento, os jovens também atuam sobre si mesmos (na constituição das suas identidades) e sobre a própria (re)significação das cidades. Concebidas, então, em seus permanentes processos (materiais e simbólicos) de (re)construção, as cidades podem ser tomadas como espaços a serem descobertos, como textos a serem lidos e decifrados (Pires, 2015). É nesse mesmo processo que se constituem as geografias produzidas pelas juventudes, fundamentais para compreender, de forma mais significativa, as relações estabelecidas entre jovens e cidade.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por privilegiar a compreensão de sentidos, percepções e experiências juvenis que não podem ser apreendidos por meio de procedimentos estatísticos ou de estratégias de quantificação. Conforme assinala Gil (2021), a pesquisa qualitativa parte do reconhecimento de que a realidade social é socialmente construída e de que o processo investigativo envolve uma relação mediada entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, considerando as condições e os contextos nos quais os dados são produzidos. Essa abordagem mostra-se particularmente adequada para a análise das experiências de jovens residentes em uma pequena cidade, especialmente no que se refere às suas práticas espaciais, às formas de uso e apropriação da cidade e às relações estabelecidas com o lugar onde vivem.

O campo empírico da pesquisa é o município de General Câmara, localizado no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, com população aproximada de 7.500 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023). General Câmara é caracterizada, neste estudo, como uma pequena cidade, tanto por critérios demográficos quanto por aspectos qualitativos relacionados às suas dinâmicas socioespaciais e à sua inserção na rede urbana regional. Os participantes da

pesquisa foram jovens residentes no município, estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual, o Instituto Estadual de Educação Vasconcelos Jardim, única instituição local que atende essa etapa da educação básica. A escolha por dialogar com jovens estudantes fundamenta-se no reconhecimento do papel central da escola na organização do cotidiano juvenil, ainda que se reconheça que nem todos os jovens em idade escolar frequentem esse espaço. A produção dos dados ocorreu por meio da articulação de dois procedimentos metodológicos complementares: o Grupo Focal e a Roda de Conversa. O Grupo Focal (Barbour, 2009) foi realizado no espaço escolar, em sala previamente organizada para essa finalidade, em data acordada com a instituição e com os jovens participantes, no mês de março de 2025. O encontro teve duração aproximada de uma hora e meia e contou com a participação de dez estudantes do 3º ano do Ensino Médio. A atividade foi estruturada a partir de eixos de discussão que abordaram as experiências juvenis, as relações estabelecidas com o município e as vivências no contexto escolar. Com o objetivo de preservar o anonimato dos participantes e, ao mesmo tempo, garantir a identificação das falas ao longo da análise, cada jovem escolheu um nome fictício, representado por uma cor.

Em momento posterior, no mês de outubro de 2025, foi realizada uma Roda de Conversa (Turra Neto, 2012), também no espaço escolar, com duração aproximada de uma hora e participação de cinco estudantes que haviam integrado o Grupo Focal[2]. Essa atividade foi concebida como um espaço de devolutiva e diálogo coletivo, a partir do compartilhamento das interpretações construídas pela pesquisadora. Durante a Roda de Conversa, foram apresentadas frases-síntese elaboradas com base nas análises produzidas a partir do primeiro encontro, possibilitando que os jovens expressassem concordâncias, discordâncias, complementações ou atualizações em relação às interpretações propostas. Esse procedimento permitiu o confronto entre as interpretações da pesquisadora e as percepções dos participantes, aprofundando a compreensão dos sentidos atribuídos às experiências analisadas.

As discussões e os resultados apresentados neste artigo concentram-se nas relações estabelecidas pelo grupo de jovens participantes com o município de General Câmara, buscando compreender como esses sujeitos percebem e vivenciam o lugar onde residem. A investigação orientou-se por questões como: como os

[2] Nem todos os participantes do primeiro encontro puderam participar do segundo, o que explica o número menor de jovens na Roda de Conversa em relação ao Grupo Focal.

jovens se relacionam com a cidade e seus espaços? Quais espaços da cidade são significativos no cotidiano desses jovens? De que maneira essas relações atravessam suas experiências e projetos futuros?

Além disso, destaca-se que a presente pesquisa foi desenvolvida em conformidade com as diretrizes éticas previstas para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Resolução nº 510, 2016), contando com a assinatura do Termo de Anuência pela escola, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos jovens e seus responsáveis, e com aprovação para sua realização pelos órgãos competentes da Universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Grupo Focal: escutas iniciais

Antes do início das discussões propriamente ditas, os jovens foram convidados a preencher uma ficha com informações gerais, com a intenção de caracterizar o grupo envolvido na pesquisa. Assim, constatou-se que o grupo de participantes foi composto por dez jovens, com idades entre 16 e 18 anos. No que se refere à autodeclaração étnico-racial, sete participantes se identificaram como brancos, dois como pretos e um como pardo. Em relação à identidade de gênero, seis jovens se reconheceram como homens e quatro como mulheres. Quanto à orientação sexual, oito participantes declararam-se heterossexuais, um se identificou como bissexual e um afirmou situar-se “muito provavelmente” no campo da heterossexualidade. Embora a comparação sistemática das experiências segundo esses marcadores não constitua objetivo central desta pesquisa, entende-se que etnia, gênero, sexualidade e classe moldam, de formas distintas, a condição juvenil e as relações estabelecidas com a cidade.

Os jovens apresentaram inserções espaciais diversas no município de General Câmara e em seu entorno, com participantes residentes tanto na área urbana quanto em localidades rurais ou em municípios vizinhos, mantendo vínculos cotidianos com a cidade, sobretudo por meio da escola. A composição familiar mostrou-se heterogênea, assim como as condições socioeconômicas. Em relação à renda familiar mensal, três participantes optaram por não informar esse dado e um declarou não saber essa informação; entre aqueles que responderam, observou-se a predominância de famílias posicionadas na faixa de até três salários-mínimos. No que diz respeito à inserção no trabalho, cinco participantes afirmaram não estar exercendo atividade laboral no momento da pesquisa, enquanto os outros

cinco relataram já trabalhar, conciliando, portanto, estudo e trabalho.

A partir da conversa realizada no Grupo Focal, foi elaborada uma nuvem de palavras (Figura 1), visando identificar os termos mais recorrentes mobilizados pelos jovens ao longo do diálogo. Esse recurso analítico possibilita uma visualização inicial dos sentidos atribuídos ao município de General Câmara, constituindo-se como ponto de partida para a análise das relações estabelecidas entre juventudes e cidade.

Figura 1

Nuvem de palavras elaborada a partir do Grupo Focal



Nota: autores (2026)

A nuvem evidencia o protagonismo das dimensões espaciais nas narrativas dos jovens. A recorrência de termos como “cidade”, “General”, “Câmara” e “município” indica que as experiências juvenis são majoritariamente situadas na escala local, a partir da qual os jovens atribuem sentidos ao cotidiano e avaliam suas condições de vida.

A presença de referências como “Santo” e “Amaro”[3] aponta, ainda, para o reconhecimento de centralidades internas ao próprio município, destacando a relevância das espacialidades intraurbanas na organização das práticas e percepções juvenis. Nesse sentido, conforme aponta Paula (2016),

> a maioria dos jovens das classes populares pode usufruir muito pouco dos territórios juvenis da cidade existentes fora de seu bairro [aqui, no caso da própria cidade]. Esse fato está estreitamente ligado a sua condição social e econômica que os impede de vivenciar sua juventude de forma plena, pois há limites que lhes são impostos: de acessibilidade, de mobilidade, de tempo, de recursos financeiros etc. (p.3057).

Os termos “Porto” e “Alegre”, em referência à capital, emergem na nuvem de palavras como expressão de um olhar comparativo recorrente entre a realidade vivida em General Câmara e as oportunidades associadas às cidades de maior porte, especialmente no que se refere ao acesso ao estudo, ao trabalho e a diferentes experiências de vida. Essa comparação é reforçada pela presença de

[3] Santo Amaro do Sul constitui-se como um dos distritos do município de General Câmara.

palavras como “diferente” e “diferença”, que indicam uma experiência juvenil atravessada pela percepção de desigualdades no acesso a serviços, lazer, infraestrutura e mobilidade. As falas dos jovens revelam uma leitura atenta dessas distinções, frequentemente vinculadas às condições socioeconômicas e às possibilidades de vida oferecidas por diferentes contextos urbanos. Um dos participantes ilustra essas desigualdades:

> *Eu não vou ser muito formal, mas tu acha que uma criança de, sei lá, uns 12 anos na cidade grande pega uma enxada para ir no campo? A vida é muito diferente na cidade. Não digo fácil, porque dependendo da pessoa, da família e da condição financeira que família tem, pode ser mais difícil que no interior (Preto).*

A fala evidencia que, embora existam desigualdades entre viver em uma cidade grande e em uma pequena cidade, a condição socioeconômica da família também impacta a experiência juvenil em ambas as escalas urbanas. Em General Câmara, esse impacto se manifesta, entre outros aspectos, no acesso ao lazer: as referências ao “shopping” e ao “cinema” marcam a carência de equipamentos dessa natureza no município, equipamentos de lazer no município, ao passo que o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) e a praça aparecem como territórios possíveis de sociabilidade juvenil. Termos como “sair”, “ônibus” e “transporte” reforçam, ainda, limitações de mobilidade, indicando como as condições de deslocamento podem restringir o acesso a circuitos localizados fora do município. Como expressa uma das participantes:

> *“se vai querer sair, comer em algum lugar, aqui não tem muita coisa para ir. Aí tem que se deslocar da cidade para ir para outra. Que nem eu, eu não tenho parente com carro para me levar e a gente ia ter que rachar um Uber ou pagar um ônibus” (Violeta).*

As diferenças percebidas entre General Câmara e Porto Alegre, no entanto, extrapolam os aspectos relacionados ao acesso ao lazer e à mobilidade urbana, fazendo surgir também algumas contrapartidas associadas ao modo de vida. No que diz respeito à segurança pública, por exemplo, a capital é frequentemente associada a uma maior sensação de perigo, enquanto o município é percebido como um lugar mais tranquilo e seguro. Essa leitura aparece nas falas dos jovens ao contrastarem a menor probabilidade de ocorrências como assaltos em General Câmara com a percepção de uma violência mais presente no cotidiano urbano de Porto Alegre.

Além disso, Porto Alegre é percebida como um lugar mais caro para se viver, especialmente no que se refere à moradia e à educação, aspecto frequentemente apontado como uma desvantagem em relação ao interior. Por outro lado, os jovens também destacaram que determinados itens do cotidiano, como alimentos e combustíveis, são considerados mais caros em General Câmara. Uma das explicações mobilizadas para essa diferença diz respeito à limitada concorrência no comércio local, que restringiria as possibilidades de escolha e favoreceria os preços mais elevados. Como explica um dos participantes, no município;

> *"tem que comprar onde tem, e aí pode ser colocado o preço que for" (Azul).*

Ao serem questionados sobre quais locais do município costumam frequentar, a escola foi mencionada como um dos principais espaços do cotidiano juvenil, constituindo-se como um território central de convivência. Reforça-se que na escola desenvolvem-se relações de amizade, de conflito e de pertencimento entre diferentes grupos, organizando, portanto, uma parte significativa das interações sociais dos jovens escolares. Em seguida, a casa também apareceu nas respostas, sendo apontada como um espaço recorrente de permanência. Esse dado dialoga com estudo realizado com jovens de São Borja/RS (Prevedello et al., 2018), no qual "minha casa" e "meu quarto" foram indicados como espaços de lazer mais frequentados, reforçando a centralidade do espaço doméstico nas experiências juvenis (ou a carência de espaços que possibilitem vivências mais diversificadas).

Ao buscarem definir a cidade em uma palavra, os jovens recorreram a expressões como "nada muda", "sempre a mesma coisa", "mal desenvolvida", mas também "tranquilidade", "calmo", "sossego" e "bonitinho". Esses enunciados apontam para uma percepção do cotidiano marcada, por um lado, pela sensação de poucas mudanças e, por outro, pelo reconhecimento de qualidades locais (como tranquilidade e segurança). Nesse contexto, o trabalho e o acesso à educação superior aparecem como alguns dos principais focos de insatisfação e, simultaneamente, como elementos que alimentam o desejo de migração. Essa leitura se reforça quando os jovens são questionados sobre a possibilidade de permanecer em General Câmara no futuro, sendo "não", a resposta do grupo.

Essa expectativa de saída, contudo, não constitui uma característica exclusiva das juventudes camarenses. Conforme argumenta Batista (2018), a migração juvenil pode ser compreendida menos como uma escolha estritamente individual e mais como

um processo fortemente condicionado por limitações materiais e estruturais enfrentadas por esses sujeitos e suas famílias. Em pesquisa realizada por Cassab (2016) com jovens que migraram para Juiz de Fora/MG, por exemplo, a migração é percebida como uma estratégia possível diante das restrições vivenciadas, não implicando, necessariamente, o rompimento dos vínculos afetivos com os locais de origem.

A experiência de viver em General Câmara parece, assim, revelar um sentimento ambivalente em relação ao município. De um lado, emergem discursos atravessados pela percepção de poucas transformações e pela limitação de oportunidades. De outro, aparecem falas que valorizam aspectos como a tranquilidade, o ritmo mais lento e a sensação de segurança. Justamente quando convidados a definir o município em uma única palavra, essas leituras coexistem, indicando que General Câmara se constitui, simultaneamente, como lugar de afetividade e como uma espacialidade percebida como distante das possibilidades ampliadas de vivência juvenil, mais frequentemente associadas a centros urbanos de maior porte.

Roda de Conversa: devolutivas e reinterpretações

Um dos desafios centrais das pesquisas empíricas com juventudes consiste em traduzir, a partir de poucas horas de conversas, vivências, inquietações e projetos de vida que excedem qualquer tempo metodológico disponível. Considerando, portanto, as limitações inerentes a qualquer estudo qualitativo, em momento posterior ao Grupo Focal (realizado em março de 2025), foi desenvolvida a Roda de Conversa (outubro de 2025), com o objetivo de revisitar e aprofundar questões anteriormente discutidas pelo grupo. Essa etapa ocorreu por meio da apresentação e discussão de frases-síntese, elaboradas a partir das principais interpretações construídas na análise do primeiro encontro. Vale destacar que a realização das conversas em momentos distintos do percurso escolar no início e no final do 3° ano do Ensino Médio, permitiu acompanhar os jovens em dois contextos bastante diferentes, evidenciando tanto permanências quanto mudanças em suas falas.

A primeira frase-síntese apresentada aos jovens foi: *“muitos jovens sonham em sair de General Câmara. A cidade é tranquila, mas parece oferecer poucas oportunidades de trabalho, lazer e futuro. Ao mesmo tempo, há um sentimento de apego, de quem gosta do lugar onde cresceu”.* Ao serem convidados a comentar essa afirmação, um dos participantes sintetizou os

sentidos presentes na fala ao dizer: *"ninguém quer ficar aqui, mas todo mundo quer ficar aqui" (Preto)*, expressão que passou a orientar a discussão coletiva. Segundo o grupo:

> *"qualquer pessoa vai falar assim 'ah, eu vou terminar meus estudos e vou embora de General Câmara', também fala que gosta de General Câmara. É uma coisa assim..." (Vermelho)*
>
> *"é, o afeto que tu tem por estar a tantos anos na tua cidadezinha" (Preto)*
>
> *"para morar é um lugar bom, um lugar tranquilo; que nem Santo Amaro, é bem calmo. Mas para questão de emprego, aí complica. A pessoa daí tem que sair. Mas sempre volta. Quem vai sempre volta, então..." (Azul)*
>
> *"saiu, ficou bilionário, fez o que tinha que fazer, bateu 60 anos, volta" (Preto).*

Assim, os jovens reforçaram a coexistência entre o vínculo afetivo com o município e a percepção de limites estruturais que atravessam suas trajetórias. General Câmara é descrita como um bom lugar para viver, marcado pela tranquilidade e segurança, mas, quando a conversa se desloca para as possibilidades de estudo, trabalho e desenvolvimento pessoal e profissional, emerge a compreensão de que *"aí complica"*, fazendo com que a saída da cidade seja percebida quase como uma necessidade. Ao serem questionados se permanecer em General Câmara seria uma opção caso essas oportunidades estivessem presentes, os jovens indicaram que sim, afirmando que *"se General Câmara fosse bem desenvolvida, não teria por que sair"*. Esse momento da conversa representou um deslocamento em relação ao Grupo Focal: embora o afeto pelo lugar já estivesse presente anteriormente, torna-se mais explícita a possibilidade de permanência, ou mesmo de retorno, condicionada à ampliação das oportunidades no próprio município.

A segunda frase-síntese apresentada partiu de observações realizadas pela pesquisadora durante visita a diferentes espaços do município. A afirmação colocada em debate foi: *"no dia que visitei General Câmara (início de outubro, estava frio e nublado), não vi jovens circulando. As praças, o ginásio e o CTG, por exemplo, estavam vazios. Parece faltar espaços pensados para os jovens na cidade. Há a sensação de que 'não tem muito o que fazer', sendo a escola e a casa os principais pontos de encontro entre os jovens"*. O grupo concordou parcialmente, passando a contextualizar essa percepção a partir dos espaços que costumam realmente frequentar, como uma das praças do

município (especialmente por ser coberta), o mercado e, em Santo Amaro do Sul, outra praça e o restaurante à beira da praia, este último mais movimentado durante o verão. Ainda assim, destacaram que a circulação nesses locais tende a se concentrar nos finais de semana, sendo pouco frequente ao longo da semana.

A Praia da Cachoeirinha e as festas do município também foram mencionadas como espaço e momento, respectivamente, de maior circulação de pessoas, inclusive atraindo moradores de outras localidades. Em relação a outros equipamentos da cidade, os jovens explicaram que o uso do ginásio municipal ocorre principalmente em programações específicas, enquanto a pista de skate é atualmente frequentada, sobretudo por crianças que ali brincam ou por estudantes que "matam aula". Alguns participantes ressaltaram, ainda, que a casa segue sendo um espaço recorrente de encontro nos raros momentos em que se reúnem. De modo geral, as falas indicam que a ausência de jovens nos espaços observados durante a visita pôde estar associada às condições específicas do período: clima frio e nublado, realização de parte da visita em um dia útil, e também à própria estação do ano, uma vez que os espaços públicos tendem a ser mais utilizados durante o verão.

A terceira frase-síntese apresentada: *"viver em uma cidade pequena pode ser bom e ruim ao mesmo tempo. De um lado, há calma, segurança e proximidade entre as pessoas. De outro, há tédio, rotina e a sensação de que nada muda"*, foi prontamente acolhida pelo grupo, que reconheceu nessa formulação a coexistência dos aspectos positivos e negativos já discutidos por eles ao longo das conversas. Ao avançar, então, para a afirmação seguinte: *"cidades grandes são referências: lugares como Porto Alegre ou outras capitais possuem mais oportunidades, liberdade e diversidade",* os jovens reformulam alguns pontos dessa ideia. Primeiramente, a noção de liberdade é associada à sensação de segurança no cotidiano, sendo compreendida como a possibilidade de circular pela cidade sem medo, aspecto que, para os participantes, tende a estar mais presente nas pequenas cidades.

A discussão sobre diversidade, por sua vez, foi relacionada ao tamanho da população. Ou seja, o maior contingente populacional presente nas grandes cidades tenderia a ampliar as possibilidades de convivência com diferenças. Essa leitura deslocou-se especialmente para as questões relacionadas às sexualidades e às identidades de gênero, ao passo que o contexto interiorano foi associado a valores considerados mais conservadores. Essa avaliação relaciona-se ao modo como os jovens, de maneira geral, podem experimentar de forma distinta os limites

impostos pela pequena cidade a depender de sua identidade de gênero e sexual. Em contextos marcados por maior proximidade e visibilidade social, a vivência da sexualidade e da identidade de gênero tende a estar sujeita a formas mais intensas de controle cotidiano, o que pode incidir sobre a circulação e a expressão dessas identidades nos espaços públicos do município.

A diversidade também foi mobilizada a partir da religiosidade: os jovens reconheceram a coexistência de igrejas católicas, evangélicas e casas de umbanda em General Câmara, ainda que estas últimas sejam descritas como mais "recolhidas" no espaço urbano. Em comparação com Porto Alegre, destacaram a maior visibilidade dessas casas por meio de banners, por exemplo. Embora tenham mencionado um episódio recente de vandalização da estátua de Iemanjá, na praia de Santo Amaro, os jovens o caracterizaram como pontual, ressaltando que conflitos religiosos não são frequentes. Cabe destacar que casas e símbolos de religiões de matriz africana são historicamente alvo de um tipo específico de intolerância, frequentemente descrita na literatura como racismo religioso (Nascimento, 2017) já que a hostilidade recai sobre religiões associadas à população negra e à ancestralidade africana, e não sobre manifestações religiosas de modo geral.

De modo geral, a Roda de Conversa permitiu retomar e tensionar elementos já identificados no Grupo Focal, aprofundando sentidos e revelando deslocamentos nas leituras dos jovens sobre a cidade. Ao revisitar temas como permanência, saída, sociabilidade, segurança e diversidade, essa etapa demonstrou que as experiências juvenis em General Câmara são atravessadas por percepções diversas, situadas e continuamente negociadas ao longo do tempo. Assim, mais do que encerrar discussões, a Roda de Conversa reforçou o caráter processual das experiências juvenis e a importância de considerar diferentes momentos e contextos na análise das relações entre juventudes e cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar como se dão as interações das/os jovens com a sua cidade e com os espaços que a compõem, destacando de que maneira essas relações incidem sobre suas experiências e perspectivas de vida. Ao compreender as juventudes como sujeitos plurais, atravessados por diferentes condições sociais, territoriais e escolares, a pesquisa buscou compreender como viver a juventude em uma pequena cidade se inscreve em contextos urbanos específicos, frequentemente pouco explorados nas

análises acadêmicas. Desse modo, o estudo voltou-se para a cidade como espaço vivido, no qual se produzem práticas, sentidos e leituras sobre o presente e o futuro, contribuindo para ampliar o debate sobre juventudes e espacialidades em contextos não metropolitanos.

Assumiu-se uma abordagem qualitativa, orientada pela compreensão de sentidos, percepções e experiências juvenis construídas nas relações cotidianas com a cidade. O estudo foi realizado no município de General Câmara/RS, caracterizado como uma pequena cidade, e teve como sujeitos jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual. A produção dos dados ocorreu por meio da realização de um Grupo Focal e, posteriormente, de uma Roda de Conversa, ambos desenvolvidos no espaço escolar e concebidos como estratégias de escuta, diálogo e devolutiva. A articulação entre esses procedimentos possibilitou acompanhar percepções juvenis em diferentes momentos do percurso escolar, aprofundando a análise das relações estabelecidas entre juventudes, cidade e cotidiano.

À luz da proposta do dossiê *"Juventudes e Cidades que Educam e Transformam"*, os resultados apresentados permitem refletir sobre como General Câmara participa da constituição das experiências juvenis a partir de suas dinâmicas cotidianas e das possibilidades concretas de vivência da cidade. As falas dos jovens evidenciam que o município se configura como um espaço marcado por relações de proximidade, sensação de segurança e vínculos afetivos construídos ao longo da vida, elementos que parecem produzir aprendizagens relacionadas ao pertencimento, à convivência comunitária e à valorização do lugar. Ao mesmo tempo, essas experiências coexistem com percepções de repetição, pouca mudança e restrição de oportunidades, compondo uma leitura na qual o apego ao lugar convive com o desejo de saída, condição sintetizada por um dos jovens por meio da expressão *"ninguém quer ficar aqui, mas todo mundo quer ficar aqui"*.

A pesquisa também dialoga com outros estudos produzidos no âmbito da Cátedra UNESCO *"A Cidade que Educa e Transforma"*, que concebem a cidade como território educativo ampliado, no qual as aprendizagens se produzem para além da escola, por meio da circulação, da participação e do acesso aos bens culturais e simbólicos do espaço urbano (Cerutti & Vieira, 2024; Moll et al. 2024; Alves & Slompo, 2025). No caso investigado, General Câmara indica que as aprendizagens juvenis se constroem, em grande medida, no cotidiano vivido, nas relações de proximidade e nos usos possíveis da cidade. Ao mesmo tempo, as

falas dos jovens sugerem que tais aprendizagens se realizam de forma situada, articuladas às oportunidades e às condições próprias do contexto local.

Por fim, inserido no campo das Geografias das Juventudes, este estudo reafirma a centralidade do espaço na constituição das experiências juvenis, compreendendo a cidade não como mero cenário, mas como dimensão ativa das trajetórias, dos sentidos e dos projetos de vida dos jovens. As narrativas produzidas ao longo da pesquisa demonstram como as práticas espaciais cotidianas, os usos possíveis da cidade e as relações estabelecidas com seus lugares participam da construção das juventudes em contextos de pequenas cidades. Ao dar visibilidade a essas experiências, o trabalho contribui para ampliar o debate sobre juventudes em espacialidades não metropolitanas, destacando a importância de pesquisas que reconheçam a diversidade de contextos urbanos e as múltiplas geografias produzidas no encontro entre jovens e cidades.

REFERÊNCIAS

Abramo, H. W. (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Eds.), *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional* (pp.37–72). Editora Fundação Perseu Abramo.

Alves, A. R., & Slompo, A. M. (2025). A perspectiva da cidade que educa e sua relação com os objetivos de desenvolvimento sustentável. Revista Exitus, 15. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2237-94602025000100205&script=sci_arttext.

Autores, (2024). [Título omitido para fins de anonimato].

Autores, (2025). [Título omitido para fins de anonimato].

Barbour, R. (2009). *Grupos focais* (Coleção Pesquisa Qualitativa). Artmed.

Batista, M. D. M. B. e (2018). *A questão agrária movendo a migração de jovens do campo em Irará (BA): Uma análise socioespacial* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal da Bahia.

Cardoso, D. da S., & Turra Neto, N. (2011). Juventude, cidade e território: Esboços de uma geografia das juventudes. *Anais do I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade (pp. 1–19).* Universidade Federal de Juiz de Fora.

Cassab, C. (2015). Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In L. de S. Cavalcanti, E. F. Chaveiro, & L. M. Pires. *A cidade e seus jovens* (pp. 137–158). Editora da PUC Goiás.

Cassab, C. (2016). Os jovens e suas mediações espaço-temporais: a cidade e os projetos de vida. In F. M. de A. Paula, L. de S. Cavalcanti, & L. M. Pires. *Os jovens e suas espacialidades* (pp. 45–92). Editora Espaço Acadêmico.

Cassab, C. (2023). Pensando juventudes e cidade a partir da experiência de jovens cotistas. In V. H. N. Oliveira.

Geografias das juventudes (pp. 77–107). GEPJUVE.

Cerutti, E., & da Silva Vieira, M. M. (2024). Cidades que educam e transformam: princípios fundantes da gestão à construção de territórios educativos. *Revista de Ciências Humanas*, 25(3), 126-141.https://revistas.fw. uri.br/revistadech/article/view/4959.

Fernandes, P. H. C. (2023). As pequenas cidades da região geográfica intermediária de Londrina no norte do estado do Paraná. In P. F. J. da Silva et al. *Cidades pequenas no contexto brasileiro: Perspectivas de estudo* (pp. 87–103). Totalbooks.

Fernandes, P. H. C. (2018). O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. *Revista Geoaraguaia.* 8(1), 1-19. https://periodicos cientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/6981

Gil, A. C. (2021). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Atlas.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica (2023, 25 de dezembro). Prévia da população dos municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022. IBGE. https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827censodemografico2022.html.

Lacerda, M. P. de. (2016). A pesquisa em cidades pequenas. *Currículo Sem Fronteiras*, 16(1), 78–98. https://www.curriculosemfronteiras. org/vol16iss1articles/lacerda.htm.

Marengo, S. N., & Ferreira, R. B. (2014). Abordagens teóricas e metodológicas para pensar as cidades pequenas: Alguns apontamentos. *Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia*. Universidade Estadual de Feira de Santana. https://core.ac.uk/download/pdf/229289451.pdf.

Moll, J., Mello, R. C. D. A., & Silva, E. A. P. D. (2025). Cidade, formação integral e educação ao longo da vida: reflexões e possibilidades. *Revista Exitus*, 15. https://doi.org/10.24065/re.v15i1.2838.

Nascimento, W. F. do (2017) O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas. *Revista Eixo,* 6(2), 51–56. https://doi.org/10.19123/eixo.v6i2.515.

Oliveira, V. H. N. (2023a). *Geografias das juventudes.* GEPJUVE. https://lume.ufrgs.br/ handle/10183/256855.

Oliveira, V. H. N. (2023b). Geografias das juventudes: a construção do estado da arte na pós-graduação brasileira. *Para Onde*!?, 17(2), 59–78. https://doi.org/10.22456/1982-0003.130242.

Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, 25, 139-165. https://www.jstor.org/ stable/41010794.

Paula, F. M. de A. (2016). Juventudes e cidades: uma leitura espacial. In F. M. de A. Paula, L. de S. Cavalcanti, & L. M. Pires. *Os jovens e suas espacialidades* (pp. 21–44). Editora Espaço Acadêmico.

Pires, L. M. (2015). Os jovens na/da cidade: da cultura geográfica ao direito à cidade. In L. de S. Cavalcanti, E. F. Chaveiro, & L. M. Pires. *A cidade e seus jovens* (pp. 159–184). Editora da PUC Goiás.

Prevedello, T., Lacerda, M. P. C. de, & Oliveira, V. H. N. (2018). *São Borja vista pelos jovens: percepções urbanas e culturais juvenis*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17908/2/So_Borja_vista_pelos_jovens_percepes_urbanas_e_culturais_juvenis.pdf.

Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. (2016, 7 de abril). Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Conselho Nacional de Saúde.

Silva, P. F. J. da, & Sposito, E. S. (2009). Discussão geográfica sobre cidades pequenas. *Geografia*, 34(2), 203–217. https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3170.

Turra Neto, N. (2012). Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. *Terr@ Plural*, 6(2), 241–256. https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/3258.

Turra Neto, N.; Hopkins, P. (2025). Reflecting on youth geographies: an interview with Necio Turra Neto. *Childrens Geographies*, 23, 1-8. https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/14733285.2025.2542743?needAccess=true.

Vieira, S. G. (2021). A cidade e o urbano no Brasil: o tamanho das cidades e a criação de novos municípios. *PIXO – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*. 5(19), 413–435. https://doi.org/10.15210/pixo.v5i19.20847.